

Apresentação – Pedro Fonseca*

*Leda Maria Paulani***

Boa noite a todas e todos. Quero iniciar dizendo que, para não extrapolar o tempo que me foi concedido para fazer esta apresentação, resolvi escrevê-la, porque assim me disciplino e tento falar, no exíguo tempo de 10 minutos, tudo aquilo que eu gostaria de dizer sobre o Professor Pedro Fonseca.

Ser convidado a proferir uma aula magna da Anpec é uma honraria concedida a poucos, no âmbito da comunidade dos economistas, em particular no recorte acadêmico dessa profissão. Para conquistá-la, presumo, o profissional tem de ter uma contribuição intelectual notável e ter prestado bons e reconhecidos serviços na tarefa de manter a qualidade da produção acadêmica e das instituições que se dedicam à formação de pesquisadores e ao desenvolvimento da investigação científica.

O Professor Pedro Fonseca tem uma longa folha corrida de relevantes serviços prestados em todas essas esferas, de modo que a primeira coisa que eu gostaria de sublinhar é que não é sem tempo que alguém se lembra de conceder-lhe essa máxima distinção.

Mas comecemos do começo. Conheci o Professor Pedro no curso de pós-graduação do IPE-USP em 1983, ele, apesar de muito jovem, já professor da UFRGS, ingressando no doutorado e eu, professora de lugar algum, iniciando o mestrado. Rapidamente percebemos ter uma enorme afinidade intelectual, a começar pelo compartilhamento das mesmas dúvidas existenciais quanto ao acerto das teses ortodoxas e seus desdobramentos (o mercado é eficiente, autorregulável e encontra seu ótimo, os agentes são homens econômicos racionais, o dinheiro é um véu que envolve as transações reais e funciona como um *numeraire*, a inflação é sempre resultado de uma pressão excessiva da demanda agregada e por aí vai).

O que de fato mais nos aproximou, porém, afora a simpatia mútua, é que ambos fomos picados pela mosquinha hegeliana. A heterodoxia já nos tinha levado, obviamente, à leitura de Marx e, por essa via, trombáramos com Hegel. Vocês devem estar se perguntando por que cargas d'água estou eu aqui, numa cerimônia de homenagem, a exumar esse pensador alemão quase maldito. Eu diria que o Professor Pedro Fonseca não teria metade do brilho que tem como economista e principalmente como historiador econômico se não tivesse tido a sensibilidade e a inteligência de perceber a importância desse filósofo para a constituição do conhecimento do social; mais do que isso, sua importância para a constituição de um conhecimento que deve ser necessariamente crítico e reflexivo e dar conta sempre e sempre do contínuo processo de transformação das estruturas e das instituições econômicas e sociais; dar conta, enfim, do movimento histórico.

Em vez de alardear essa forma de se apropriar de seus objetos de pesquisa, o Professor Pedro praticou-a, o que a tornou muito mais efetiva, impedindo-a de se tornar mero recurso de ilustração do discurso científico, aquele que fica esquecido lá nas considerações

* Apresentação do Professor Pedro Cezar Dutra Fonseca ([UFRGS](#)), proferida antes de sua aula magna, ocorrida em 11 de novembro de 2014 em Natal (RN), na abertura do 42º Encontro da Anpec.

** Professora titular da Faculdade de Economia e Administração ([FEA](#)) da Universidade de São Paulo ([USP](#)), São Paulo, SP, Brasil. E-mail: paulani@uol.com.br.

metateóricas e nunca mais entra em cena. Isso, no entanto, é muito mais difícil do que parece, e não há sombra de dúvida de que nosso homenageado foi extremamente bem-sucedido em todas as suas investidas.

Nessa chave, muita coisa poderia ser dita sobre a enorme importância das contribuições do Professor Pedro Fonseca em seu incansável esforço para esclarecer, no sentido rigoroso do termo, a história muito particular, ainda que indubitavelmente capitalista, de nosso processo de modernização. A interpretação da revolução de 30 como burguesa e oligárquica, a defesa da intencionalidade da industrialização logo depois de 30, a existência de um pensamento cepalino antes da Cepal, o caráter ideológico do conceito de populismo – esta grande “produção” do pensamento sociológico paulista – todas essas, dentre muitas outras, são descobertas de inestimável valor que permitem alinhar nosso homenageado ao que de melhor se produziu no país em termos da reflexão sobre si mesmo, e aqui não é preciso dizer que falo de Furtado, Freire, Sergio Buarque, Caio Prado e Raimundo Faoro.

Ainda nesse mesmo registro, gostaria de mencionar, dentre os 50 artigos em periódicos, 37 capítulos de livro e 6 livros publicados por nosso autor, uma de suas mais recentes produções. O artigo sobre desenvolvimentismo, publicado em livro do Ipea, *Presente e Futuro do Desenvolvimento Brasileiro*, lançado neste ano, é um exemplo paradigmático do hegelianismo quase intuitivo, mas por isso mesmo de extrema força, que orienta sua produção intelectual. Instado a escrever sobre o conceito de desenvolvimentismo, dado que o mesmo voltou à moda, ora guarnecido dos termos “neo” ou “novo”, o Professor Pedro não teve dúvidas. Decidiu, primeiro, de modo endógeno, analisar a definição de desenvolvimentismo a partir dos trabalhos dos próprios intelectuais que construíram a história desse conceito, mas, sem esquecer a coruja de Minerva, partiu, em segundo lugar, para o trabalho de desentranhar esse conceito da experiência histórica ela mesma. Com a determinação de um *scholar* comandou um grupo aguerrido de estudantes que foram encarregados de garimpar algumas dezenas de experiências concretas em vários países da América Latina. Só então, como resultado desse mergulho na realidade efetiva e guiado pelas ideias que essa realidade fora produzindo em enquadramentos diversos de tempo e espaço, foi que ele delimitou o conceito de desenvolvimentismo. Muito além de mera construção do intelecto, o desenvolvimentismo é um conceito cheio de vida, que transpira história e, como não poderia deixar de ser, contradições. O trabalho do Prof. Pedro capta tudo isso à perfeição e certamente servirá de guia e de referência para todos aqueles que resolverem se aventurar pelo tema daqui por diante. A proeza, convenhamos, não é de pouca monta.

Dissemos de início que a distinção máxima de proferir a aula magna da Anpec só poderia ser dada a alguém que, para além de uma produção intelectual notável – creio que não preciso dizer mais nada a esse respeito – tivesse também prestado bons serviços na tarefa de manter a qualidade da produção acadêmica e a eficiência e dinamismo das instituições encarregadas do ensino e da produção científica. O que há a falar aqui forma um conjunto tão espetacular que eu diria que, mesmo se ele não fosse o notável intelectual que é, ele mereceria essa honraria. Se julgam que eu exagero, atendem para o seguinte: o Professor Pedro Fonseca foi Coordenador de Pós-Graduação em Economia do Departamento de Ciências Econômicas e Relações Internacionais da UFRGS, foi Chefe desse mesmo Departamento e Diretor da Faculdade de Ciências Econômicas dessa Universidade; não bastando, foi Presidente da Câmara de Pesquisa, Pró Reitor de Pesquisa e vice-reitor da UFRGS; para além do círculo, que se poderia dizer confortável, de sua instituição de origem, o Professor Pedro foi ainda coordenador da área de Economia da Capes (quem passou por lá, sabe a pedreira que é), Diretor Presidente da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do

Rio Grande do Sul e, para o orgulho de muitos de nós aqui, presidente da nossa querida Sociedade Brasileira de Economia Política.

Quando vi tudo isso assim reunido, fiquei me perguntando como ele conseguiu simultaneamente ter uma produção intelectual tão abundante e consistente, ser bolsista de produtividade do CNPq durante praticamente todo o tempo, e orientar ainda 54 monografias, 40 dissertações de mestrado, 30 teses de doutorado e 16 trabalhos de iniciação científica. Ufa! dá para cansar só de ler.

Bem, e com isso encerro o que preparei, não por falta ainda do que dizer, porque muita coisa há mais (eu nada disse, por exemplo, dos muitos prêmios que ele recebeu), mas por exclusiva falta de tempo. Não posso todavia encerrar sem agregar ainda uma última observação. Em todas as suas múltiplas e importantes tarefas, o Professor Pedro sempre manteve uma postura serena, de profundo respeito e consideração pelos seres humanos. Sua enorme simpatia, reconhecida por todos, e sua capacidade de ouvir, em paralelo com sua profusa e permanente produção intelectual, permitiram que ele circulasse com desenvoltura em todas as tribos de economistas e fosse respeitado por todas elas. Essas qualidades não são de pouca importância, considerando em particular os inúmeros cargos de direção que o Professor Pedro assumiu ao longo de sua trajetória.

Isso, no entanto, não significa que ele tenha sido fraco, ou pouco fiel a seus princípios e valores. Ao contrário, sempre se manteve firme na defesa de seus ideais, de sua forma de ver o mundo, de enxergar o papel do cientista, e o papel do economista acadêmico. Num momento em que as mentes mais brilhantes são sequestradas pelo canto de sireia do novo discurso liberal e pelas versões pós-modernas dos estudos sociais, o Professor Pedro não rifou suas convicções, não desistiu de lutar, não titubeou em remar contra a corrente, em pôr em uso os renegados artefatos modernistas, em lutar pela posição da racionalidade do homem como ser social, em vez de confiar cegamente na racionalidade míope dos mercados; nunca abriu mão, enfim, de defender a capacidade dos homens e da ciência de buscarem a verdade e o desenvolvimento do espírito humano. Isso, para mim, vale mais do que tudo. Muito obrigada.